

## EDITORIAL

Vivemos numa sociedade carente de referenciais. A filosofia ressen-te-se dessa falta. Nos tempos modernos o homem ocidental passou por um processo histórico-cultural complexo de transformação de mentali-dade e de conduta, um processo que se desenvolve em sentido estrito e de maneira consciente, do século XVII até meados do século XX. Nesse processo histórico, o referencial é a razão humana. Esta, por sua vez, é a razão instrumental ou científica. O método predominante no conheci-mento é o analítico, pois as ciências modernas caracterizam-se pela ob-jetividade e pela racionalidade.

Nesse processo o homem aposta nas ciências como o caminho de solução para seus problemas. Por isso desenvolve uma veneração pela ciência, de modo especial pela ciência experimental e sua racionalidade. E isso acontece, por um lado, com certa tônica antitradicionalista, de modo especial contra todo o tipo de autoridade externa, e, por outro, com certa tolerância e certo liberalismo no campo político e social.

Ora, a partir de meados deste século percebemos certa desconfian-ça contra a razão e contra o materialismo. Aposta-se no misticismo e no espiritual. Busca-se substituir a visão analítica pela visão de síntese ou global. Amplia-se o conceito de razão instrumental para, por exemplo, razão comunicativa. Na visão de homem reconhece-se importância ao coração, à emoção e ao sentimento. Como as ciências apresentam enfo-ques parciais, não temos conhecimento, na história ocidental, de uma busca tão universal na religião sob todas as formas, menos nas tradicion-ais de caráter institucional e dogmático.

Houve, em nosso século, a exportação de ciência e tecnologia para o Oriente. E o Oriente desenvolveu rapidamente os chamados "tigres asiáticos". Mas, o intercâmbio não foi unilateral. Do Oriente vieram vi-sões e práticas místicas para o Ocidente. Assim hoje parece que ao Oci-dente como ao Oriente é comum a carência de referenciais, certo distan-ciamento entre o "mundo da ciência" e o "mundo da vida".

A filosofia, no Ocidente, de "forma de vida" na antiga Grécia transformou-se em "sistemas doutrinários racionais". Nesta situação de carência de referenciais na educação, na ética, o que a filosofia tem a oferecer ao homem no final do século XX? Bastará a interpretação ou reinterpretção de textos clássicos, como os de Platão, Aristóteles, Tomás de Aquino, Descartes, Kant e Hegel para encontrar referenciais na situação em mudança? Não perdeu a própria filosofia sua teleologia?

Às vezes podemos ter a impressão de que a filosofia, nas universidades, se limita por demais à "filosofia filosofada", havendo pouco estímulo para uma "filosofia filosofante" ou criadora. Quando ouvimos queixas de que a filosofia está sendo expulsa das escolas e universidades, que os cursos de filosofia têm pouca procura, não será que é a filosofia que se autoexila do mundo da vida?

Trata a filosofia nos cursos de filosofia de problemas pertinentes ao nosso mundo de hoje ou simplesmente repete soluções antigas para problemas novos ou sequer colocados? Qual a contribuição da filosofia e dos filósofos para o homem encontrar sentido para seu ser e agir hoje?

URBANO ZILLES